

O TANGO E A TRAGÉDIA DOS RASHEVSKI, UMA HISTÓRIA TRANSGERACIONAL

Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA¹

“O Tango de Raschevski”, filme de Sam Garbarski, nos convida a refletir sobre o fenômeno intersubjetivo da transmissão de vida psíquica entre gerações. Conscientes do risco de subverter o sentido de uma obra de arte, a riqueza dessa trama nos convoca à reflexão, entendendo-se que a obra, em seu impacto estético sobre o psiquismo do espectador, é produtora de subjetividade.

Trata-se da estória de uma família de judeus poloneses sobreviventes do holocausto e refugiados na Bélgica, e se desenrola em torno da personagem Rosa, matriarca de três gerações. Rosa ocupa o lugar de objeto transgeracional desse núcleo familiar, sendo fonte de transmissão de valores, de tradições, de hábitos de convivência, mas também de vivências traumáticas, de segredos e de dores e perdas não faladas.

O trauma dos campos de concentração, nunca revelado aos descendentes, e a condição de exílio, provocam violenta ruptura com os parâmetros identificatórios de Rosa. (que se exila, também, de suas raízes culturais e religiosas.) Seus dois filhos, Simon e David não passaram pelo ritual da circuncisão por temor ao nazismo, ficando sem essa marca de pertencimento e de identidade grupal. O restante da família também se afasta do judaísmo por influencia da matriarca. Em sentido oposto, porém, Shmouel, marido de Rosa, migra para Israel onde se torna rabino, deixando ela e os dois filhos excluídos de sua vida.

A morte de Rosa, no entanto, reaviva segredos e induz descobertas, como a compra de um jazigo no cemitério judaico onde desejava ser enterrada, a despeito de sua postura anti-judaica. Desvela-se também o amor secreto de Dolfo, irmão de Shamouel, por Rosa. Surpresas vão ocorrendo ao longo da trama, mas a narrativa mantém em suspense a existência de um triângulo amoroso, permanecendo a dúvida se o amor de Dolfo por Rosa fora recíproco, e se teria originado filhos ...

¹ Ana Rosa Chait Trachtenberg, Ângela Piva, Cynara Cezar Kopittke, Denise Zimpek Pereira, João Antonio d'Arriaga, Vera Chem, Vera H.Pereira de Mello

Os acontecimentos e descobertas vão se desenrolando ao ritmo de Tango, peculiar hábito introduzido por Rosa, sobretudo como forma de pacificar conflitos. Vale a pena então, lembrarmos um pouco da estória do próprio Tango. Dança típica da Argentina, o Tango fala, tradicionalmente, de perdas, de dores, de amores não correspondidos, tornando-se sinônimo de paixão, melancolia e tristeza, conforme sentença uma famosa expressão: “o tango é um pensamento triste que se pode dançar”.

A vertente melancólica do tango, segundo uma versão, teria suas origens no lamento dos escravos africanos trazidos à América do Sul. Tango derivaria de “tangó”, forma como os africanos denominavam os seus tambores, bem como o lugar onde realizavam as danças candomberas. No início do século XIX, os moralistas da sociedade começaram a ficar preocupados com a realização dos candombes, que denominavam de “tambó” ou “tangó”, proibindo e castigando severamente os participantes. Foi então que, escondido em bares, cafés e bordéis, o “tangó” deu lugar ao tango.

O tango da família Rachevski representa uma metáfora que condensa os traumas da guerra, ao mesmo tempo em que o sinistro (unheimlich”) gerado pela migração, assim como o mistério ligado aos segredos da vida amorosa de Rosa. Todos esses elementos são mantidos na paradoxal condição de estarem marginalizados no centro da cena, fado inevitável de vivências sobre as quais recai a desmentida ou a desestimação. São fenômenos da natureza da cripta descrita por Abraham e Torok, em que representações dolorosas ou vergonhosas ficam submetidas a um estado de “repressão conservadora”, atuando como fantasmas na mente dos descendentes.

“Não é nem o Inconsciente dinâmico nem o ego da introjeção. Seria antes como um enclave entre os dois, espécie de Inconsciente artificial, localizado no seio do ego. A existência de tal tumba tem por efeito obturar as paredes semipermeáveis do Inconsciente dinâmico. Nada deve filtrar para o mundo exterior”.

(Abraham e Torok, 1988, pg.218)

A experiência de migração implica um luto por perda de objetos, de espaços e de tempos significativos, por um lado e por outro lado, o desenvolvimento de novos projetos e possibilidades. Além de implicar, muitas vezes, a perda do idioma originário, a migração acarreta, sobretudo, a perda de

um contexto, que pode significar mais do que a perda de um objeto (D.Maldavsky, 1996). O contexto tem um profundo valor na economia pulsional, pois mantém uma regularidade e familiaridade de estímulos que, em sua monotonia, ritmo, harmonia e timbres, garantem uma tensão protetora que se opõe ao retorno à inércia, permitindo que um indivíduo ou grupo relaxe e durma de forma reparadora. Emigrar a outro país, mesmo quando se mantém a mesma língua, pode implicar a perda desse contexto. Além disso, quem se vai se supõe apagado da memória dos que ficam, jogado fora dela, gerando algo de autoexpulsão que leva a executar consigo mesmo aquilo que se padeceu desde o outro. Esse fenômeno parece ter ocorrido em Rosa, quando desmente e desestima seus parâmetros identificatórios.

Em relação à perda de contexto sofrido por Rosa e seus descendentes, chama atenção a presença da insônia como um elemento que se manifesta ao longo do filme em vários personagens, por exemplo, nos irmãos David e Simon que jogam xadrez por telefone durante as madrugadas. Freud (1940, pág.164) refere-se à pulsão de dormir como um processo de retração dos investimentos na percepção que visa uma recuperação energética em que a pulsão de autoconservação impõe-se não apenas à pulsão de morte, mas também à sexualidade. O que ocorre na insônia é uma hipertrofia sensual que impede o estado de monotonia, provavelmente por falta de ternura ambiental ou por falha nas incitações mecânicas monótonas. A resultante pode ser um nexos intercorporal desvitalizante em que o dormir se equipare a um morrer sem testemunhas empáticas, numa solidão desubjetivada. (Maldavsky, 1996, pág.35)

Nesse sentido, o ritmo tenso e ao mesmo tempo monótono do tango pode significar, também, uma incitação autocalmante para momentos em que o grupo se sente ameaçado pelos aspectos disruptivos dos traumas encriptados.

A transmissão dessas heranças, porém, encontra diferentes resoluções em cada descendente Rachevski. Nina, única neta da matriarca, ao contrário dos demais que como Rosa renegam as tradições hebraicas, se aferra à religião, como se tentasse preencher um vazio representacional e identificatório. Acaba por ir ao encontro do avô rabino, em busca de suas raízes judaicas e do preenchimento de lacunas transgeracionais.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAN, N. e TOROK, M. – In: LANDA, F. *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise: de Ferenczi a Nicholas Abraham e Maria Torok*. Editora UNESP, 1998
- FREUD, S. Esquema del psicoanálisis, Amorrortu editores, vol.23, 1940
- MALDAVSKY, D. Linages abúlicos, Paidós, Buenos Aires, 1996

RESUMO

A partir do filme “O tango de Rachevski”, os autores propõem uma reflexão sobre os efeitos que os traumas do holocausto têm sobre uma família de imigrantes judeus. O trabalho aborda, também, o papel do objeto transgeracional como fonte identificatória, de transmissão ou suspensão de ideais, de valores culturais e religiosos, de mecanismos defensivos, etc...

Os autores enfocam o sentido que o tango, “pensamento triste que se pode dançar”, tem no contexto desse filme, representando uma metáfora que condensa os traumas da guerra, o sinistro (unheimlich) gerado pela imigração, assim como o mistério ligado a segredos familiares.

ABSTRACT

From the film "The tango of Rachevski", the authors propose a reflection on the transgenerational effects of the traumas of the holocaust in a family of jewish immigrants. The work also focuses on the paper of the transgenerational object as source identification, of transmission or suspension of ideals, of cultural and religious values, of defensive mechanisms, etc

The authors emphasize that the tango, in the context of the film, is a metaphor that condenses the traumas of the war, the unfamiliar (unheimlich) generated by the immigration, as well as the linked mystery to family secrets.